

ESCUA, SILÊNCIO, LINGUAGEM

[HÖREN, SCHWEIGEN, SPRACHE]

Gilvan Fogel *

RESUMO: O título diz tudo: o propósito é expor a compreensão da estrutura escuta-silêncio-linguagem. Decisivo, ainda, é a articulação de escuta com corpo e experiência. Escuta é corpo, é experiência. O fio condutor é M. Heidegger.

PALAVRAS-CHAVE: Escuta, corpo, experiência, linguagem, silêncio.

ZUSAMMENFASSUNG: Der Titel sagt schon alles: es geht um Hören, Schweigen und Sprache. Es kommen noch Leib und Erfahrung zur Sprache. Hören ist Leib, ist Erfahrung. Martin Heidegger ist der Leitfaden.

STICHWORTEN: Hören, Leib, Erfahrung, Sprache, Schweigen.

Mas falar é, ao mesmo tempo, escutar... falar é, por si mesmo, escutar. Falar é escutar a linguagem que falamos. O falar não é ao mesmo tempo, mas antes uma escuta. Não falamos simplesmente a linguagem. Falamos a partir da linguagem. Isso só nos é possível porque já sempre pertencemos à linguagem. O que nela escutamos? Escutamos a fala da linguagem.¹

Lemos isso em “O Caminho para a linguagem”, de Martin Heidegger, em “A Caminho da linguagem”. Lemos e queremos entender o que, na verdade, parece ser muito claro e muito simples: falar é, precisa ser *já* um ouvir. Ou seja, como dito na citação, antes de falar, a fala já é um ouvir e, no fundo, só pode dar-se fala porque previamente (= já) acontece, *já aconteceu* ouvir. Entre falar, linguagem, e ouvir há uma relação, um nexos essencial, ou seja, de visceral pertencimento, um co-pertencimento. Falar e ouvir são consanguíneos, co-originários. Perguntamos: como? Mas, ver-se-á, se não há linguagem sem escuta, também não a há sem silêncio. Sobretudo, não há escuta sem silêncio. Igualmente, ainda, sem silêncio —sem escuta. Então, também silêncio é co-originário com linguagem —e com escuta. E perguntamos: como? O que é silêncio? O que é escuta? E, principalmente, o que é

* Professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. m@ilto.gilvanfogel@gmail.com

linguagem? De qualquer modo, insinua-se que escuta, silêncio e linguagem constituem um atamento, um só *nó*. Vamos por partes e perguntemos, primeiro: que é escutar? Como?

I

1. Consultando o dicionário, ele diz que escutar é “estar consciente do que se está ouvindo”. E ouvir é “perceber, p.ex., som ou palavra, pelo sentido da audição”. Seguindo esta linha, continuar-se-ia com esclarecimentos, buscando-os nas ciências —na fisiologia, na anatomia, na neurologia, etc., etc. E, quem sabe, até na “psicologia”, pois se fala de “ser/estar consciente”. A escuta, que aqui está em questão, quando se diz que toda fala é também já uma escuta ou um ouvir, toma, evidentemente, do “sentido da audição” uma referência básica. Mas isso é só um ponto de partida para *improvisos*, variações, alargamentos —melhor, para, a partir daí, fazer uma autêntica descrição fenomenológica, isto é, descer às raízes do fenômeno e mostrá-lo, em mostrando-as. O sentido real desta fala começa, talvez, a ecoar quando se diz, p. ex., que alguém *ouviu* a algo ou a alguém, isto é, deu atenção, deu importância ou *deu ouvidos* a algo, a isso ou àquilo - ou a alguém. Neste sentido, pensa-se que se levou em conta, se considerou e mesmo que se obedeceu ao ouvido, ao escutado. Neste sentido, ouvir, escutar, já começa a soar diferente de um mero “ter consciência do que se ouve através do sentido da audição”. E como soa, agora? O que, agora, começa a ecoar, a ressoar em ouvir, escutar?

Agora, no sentido de dar atenção e seguir ou obedecer ao ouvido (dar ouvidos a...), ouvir ou escutar começa a falar de uma entrega, de um entregar-se justo ao ouvido, ao escutado. Entregar-se e mesmo abandonar-se ao ouvido, ao escutado. E tal entrega, tal abandono, se faz a partir de um consentimento, de um assentimento ao ouvido, ao escutado. E, claro, há ou dá-se entrega, abandono e assentimento ou consentimento porque se está *aberto, vulnerável* ao escutado - à coisa. Já tomado por ela ou *nelapartcipe*.

Entregar-se, abandonar-se ao escutado, ao ouvido, quer dizer, à coisa, à própria coisa. Mas o que é coisa? O que é a coisa mesma ou nela mesma - a própria coisa? Coisa é sempre já o *sentido* (“lógos”) que a faz ser isso que ela é. Coisa, toda e qualquer, é, pois, o sentido (“lógos”) que ela é *aparecendo* ou mostrando-se como tal sentido *nisso* ou *em isso* que a coisa é, tal qual se mostra ou aparece. Tal sentido, *lógos*, já é linguagem. O modo de ser de sentido, de *lógos*, é mostrar-se, *aparecer*. Ser é aparecer. Ser-aparecer - isso não significa que ser subjaz ao aparecer e que o aparecer seja manifestação ou *expressão* do ser subjacente. Não. Não há esta subjacência e o *é* de ser *é* aparecer não é cópula ou elo (elemento, hífen!) de ligação *entre* ser e (+) aparecer. Não, é só e tão só: ser-aparecer, isto é, no aparecer está *falando* ser como verbo, como o verbo dos verbos, ou seja, o verbo falado e subfalado ou cofalado em todos os verbos ou dizeres. Bem, isso foi uma breve e necessária digressão.

Entregar-se, abandonar-se à coisa —isso é *participar* do, no sentido (“lógos”). Participar é possível, mesmo necessário, pois nós *sempre já pertencemos ao sentido, ao lógos, à linguagem*. Como? Quando algo se dá, aparece, é porque ou graças ao fato que

um sentido (um *lógos*, *uma linguagem*) sempre já se deu, sempre já se interpôs. O sentido ou o *lógos* é o meio, o elemento do viver, do acontecer, isto é, de ser e aparecer, de tudo quanto é e aparece, se dá ou acontece. Participar, então, não é *possível* (no sentido da contingência lógica), mas absolutamente necessário, ou seja, uma *conditio sine qua* no ou do viver, existir. Melhor: *possível*, aqui, precisa ser ouvido desde e como possibilidade e esta no sentido vital ou existencial, que é quando possibilidade coincide com necessidade. É assim que possibilidade, vital-existencialmente ouvida e entendida, não é contingência lógica (aquele famoso ou famigerado: “pode ser - ou não, né!”), que a coloca abaixo de realidade e de necessidade.

Participar, pois, é ser sempre já tocado e tomado (acometido, *capturado*) por sentido, por *lógos*, *por mundo*, *por linguagem*. Escutar (ouvir) quer dizer: recolher-se neste acontecimento elementar da vida, da existência. Concentrar-se nisso. Neste recolhimento, nesta concentração, *salta-se para dentro da vida*, isto é, entra-se no seu próprio elemento ou no seu mais próprio modo de ser. A verdade é que nisso, neste modo de ser (participação, inserção no elemento-vida), queira-se ou não, sempre já se está, sempre já se é. *Neste* ou *deste* sentido, sempre já se participa, sempre já se é na e desde a participação vital-existencial. Quer dizer, neste ou deste sentido, participação é dimensão constitutiva, necessária da vida. Outra coisa é *apropriar-se* disso, deste modo de ser. A isso se chamou, acima, de *saltar para dentro da vida*, entrar ou afundar na própria vida, na própria existência. Participar como, em salto e como salto, transpor-se para o sentido que se é. Sim, apropriar-se, auto-apropriar-se. Sobre tudo a este modo privilegiado de participar (no/do sentido, *lógos*) se está denominando, aqui, agora, escutar, ouvir. Melhor, como já dito, aí e assim, neste modo de ser, recolher-se, concentrar-se e, então, pôr-se à escuta. À espera e à escuta. Esta escuta é também uma espera, à medida que concentração, recolhimento. Estranho, aqui, esta fala de “apropriar-se”. Faz-se, porém, necessária, pois o homem é o insólito vivente que precisa apropriar-se, auto-apropriar-se (saltar para dentro de si; a vida, assim, salta para dentro dela mesma!) para, assim, vir a ser ou tornar-se o que é, a saber, homem. O homem é, precisa ser exercício de auto-conquista através de auto-apropriação. *Ascese*.

Tal escuta - recolhendo-se, concentrando-se no sentido e, assim, participando - é, mais do que entrar, uma vez *entrado*, pois tocado, tomado, *afundar* no sentido (no *lógos*, na linguagem). Afundar, isto é, ir fundo, *a fundo*. Este assim entrar, indo fundo e a fundo no próprio fundo ou fundamento (in-fundado, pois instaurado desde e como salto, a-byssalmente, em pura doação, pois. Assim tal ir ao fundo é mesmo *afundar*, *ir a pique*), diz-se também em alemão “besinnen”, isto é, “meditar”. “Be-sinnen” é entrar fundo no fundo, afundar no sentido (“Sinn”) e, assim, trazê-lo à memória, à recordação. É, sim, recordar-se, que se diz também “sichbesinnen”. Daí porque Heidegger dirá também que pensar é recordar, re-lembrar. A escuta, o ouvir, que assim se faz um seguir e obedecer ao sentido ou ao modo próprio de ser, nada tem a ver com servidão, subserviência, mas, assim seguindo, acompanhando, é só *boa vontade*, *doçura* e, então, *coração* - recordar, aqui e assim, é, a cada passo, relembrar o sem fundo de todo fundo ou fundamento. Escuta, assim, portanto, é *meditação*. Exclua-se desta meditação qualquer conatção com introspecção, interioridade ou interiorização. Nada de *eu*, *consciência*. É um lançar-se, entregar-se, abandonar-se à transcendência, isto é, ao sentido (*lógos*, linguagem) que sobrevém e *pega*, *agarra*, *acomete*. Foi dito acima: escuta é *boa vontade*, *doçura*. Isso quer dizer: essa escuta exige, reclama um modo de

ser frágil. Não fraco, frouxo, débil - mas *frágil*. Também não delicado, *delicadinho*, talvez à maneira “enfant gâté” - mas *frágil*. Isto é, tocável, *vulnerável*, que pode e se deixa tocar, tomar, enfim, *ouvir*. Trata-se de um extraordinário poder, que é *poder não poder*. Isso é, isso constitui ou perfaz um possível modo de ser de vida, de existência. A este modo *frágil* (e não fraco ou frouxo, débil) de ser, a esta dimensão vital-essencial própria à vida ou à humana existência, Nietzsche, no *Zarathustra*, denominou *criança - ser criança*, que é um extraordinário poder: poder *não* poder. O leão, p.ex., que parece tudo poder, não pode isso... Sim, a escuta é criança, *modo de ser criança*.

Escuta, em se fazendo como participação vital-existencial, esta como seguimento ou acompanhamento de sentido e tal acompanhamento enquanto e como “meditação” ou *afundar no fundo-sentido* - enfim, tal escuta ou tal modo de ser é *corpo*. Corpo se fazendo corpo - isso é, pois, *escuta*. Portanto, escuta, que é participação e meditação, é igualmente corpo. Corpo?! Não se ouça, aqui, em corpo, a categoria metafísica que é o contrário, o oposto, de alma, de espírito. Também nada biológico, fisiológico. Corpo, aqui, fala do *i-mediato da vida, da existência humana* - de “Dasein” enquanto e como *abertura e ser-no-mundo*, na fala de Heidegger. Corpo (“Leib”), que é vida (“Leben”), na fala de Nietzsche. O *i-mediato da vida, da existência*, fala do homem como o súbito (salto) ser e estar no *ver*. No *ver*, isto é, no aparecer. Melhor: ser no súbito ou *i-mediatosentir*, isto é, no, de repente, ser tocado e tomado (afecção, *páthos*) pelo sentido (*lógos, mundo, linguagem*), que, no mesmo ato ou acontecimento, é *ver*, isto é, no mesmo ato ou acontecimento é *ver-se, dar-se conta no sentido de aparecer, como aparecer* - isso é ser no *ver*. Isso é o viver, o *humano viver*. Estranho, mas escuta, assim, é recolher-se, entrar, afundar no *ver*, no *ver-aparecer*.

Mas como é ou como se faz sentir que, como mesmo ato ou acontecimento, é *ver*, isto é, é ser no sentido de aparecer - enfim, é *corpo*? O homem, a vida ou a existência humana é este instante, a saber, sentir-*ver*, que é *corpo*. Ela é, pois, este instante ou este ato/acontecimento único e *i-mediato*. Melhor formulado: este instante ou este modo de ser (sentir-*ver*) perfaz a vida, a existência humana. É um sentir, isto é, um ser *atingido e tomado* por um sentido (= *lógos, transcendência*), que, justo por ser *já tocado ou tomado* por um tal sentido (= *transcendência, lógos*), *já vê e já fala desde ou a partir* deste sentido e, por isso, graças a isso, o sentir (a sensação, *aísthesis*) *já é ver/perceber (nous)*. Aqui, agora, tanto sentir quanto *ver* (*perceber*) não são, não podem ser compreendidos e avaliados desde nossas ciências biológicas, às quais caberia, em saudável e bom sentido, o bom senso do *bom* homem, descrever, caracterizar, compreender tanto sentir, quanto *ver/perceber* - a neurologia, a fisiologia, a neurociência. Estas, na verdade, não estariam falando de um fenômeno imediato, não seriam ou forneceriam um dado imediato ou primário, mas, ao contrário, seriam tardias, secundárias. Na forma, na estrutura acima formulada, todo sentir já é, *precisa* já ser um *ver/perceber como isso ou como aquilo*. Enfim, como algum algo determinado. Ninguém ouve ou vê um puro estímulo nervoso, um comprimento de onda, um corpúsculo de luz - isso já é uma tardia e refinada abstração. Ouve-se o cachorro ganindo, o carro passando na rua; vê-se a árvore verde e viçosa ou, no outono, se despetalando; vejo um tufo de trigo amarelado, que parece a juba de um leão ou a juba de um leão, que parece um tufo de trigo amarelado, o que, segundo o vate (Shakespeare), distinguiria entre o cômico e o trágico...! Este *ver/perceber*, sim, seria, é o *i-mediato, o primário ou elementar*. Elementar, isto é, o modo de ser que constitui o

medium o elemento-vida, o elemento-existência - enfim, o homem, a vida ou a existência humana enquanto e como ser-no-mundo, isto é, abertura, transcendência.

II

1. O silêncio. A *Guararavacã do Guaicuí do nunca mais* é um lugar onde se pega o silêncio e se o põe no colo!² Vamos lá! Passagem comprada, vamos para a *Guararavacã do Guaicuí do nunca mais!* Antes, porém, vamos fazer bastante barulho. Vamos falar bastante - afinal, queremos definir, esclarecer silêncio. Façamos uma grande algazarra! E deve aparecer que silêncio não é falta de barulho e nem falta de fala, falação, falatório e algazarra. Aliás, deve aparecer, silêncio não é falta, não é deficiência, privação. Silêncio é até um *cheio - cheio de silêncio!* Pode haver muito barulho e, ao mesmo tempo, ser, estar cheio de silêncio. *Cheio* de silêncio?! Que diabo é o silêncio para *encher?* Estando cheio de silêncio, está cheio de quê? De *coisa nenhuma*, nada, nonada?! Não seria, antes, vazio - de barulho, de fala?!... Pode haver, dar-se ou acontecer uma enorme calma, uma completa falta de barulho e, no entanto, ainda assim, nenhum silêncio - ao contrário, uma grande bulha, um infernal bulício. Calma, nenhum barulho, e, ainda assim, *barulhada*, a tal que, diz o *Zaratustra*, mata pensamentos. Pode haver muita fala e, porém, muito silêncio. Pode haver nenhum barulho e nenhuma fala e também revelar silêncio, muito silêncio também. De qualquer modo, silêncio parece não ser imediatamente calar, emudecer, *acabar* com o barulho, seja pelo fim da bulha, seja pela imposição do emudecimento. E não é também o barulho ensurdecador, aquele junto à britadeira ou ao martetele, que impede, que mata ou cala o silêncio. Dispersão, sanha, é barulho. Isso afugenta, mata silêncio. Então, o que é, como é silêncio, se não é nem calar, nem emudecer e nem acabar com o barulho, com a barulhada, seja por *autoridade, marra*, força, seja por decreto ou por veto *legais?* Uma coisa é certa: por decreto, na *marra*, não acontece silêncio. Será, seria que *só há, só* acontece, *só* faz-se silêncio onde e quando houver *escuta?* Escuta do, ao silêncio? E o que se escuta aí, então?

2. A *natureza*, a essência do homem é transcendência. Aqui, ao falar-se de *natureza* se está entendendo *essência*. E por essência não se entende uma coisa *atrás*, um algo subjacente, um *quid*, mas movimento gênese, geração - realização, *superficialização*, aparecer. Então, tem-se: a gênese, a geração do homem é transcendência. Gênese, geração, estão, pois, dizendo origem. Não origem como uma data, como algum registro historiográfico, mas como, aqui e agora, sempre, origem se originando e se reoriginando em insistente revitalização da vida. Origem como *forma*, que se entende como *gênese ontológica* e que está sempre a *re-en-formar-se*. Enfim, gênese, geração de, no modo de ser. O que, porém, quer dizer que a gênese, a geração ou a origem (*forma*) do homem é transcendência? De novo, fazendo acerto de rumo e limpeza de terreno: não se entenda, aqui, transcendência como o oposto de imanência, onde esta seria um *dentro*, um *interior* (a consciência, o sujeito, o eu), e aquela, então, um *fora*, um *exterior* - um fora ou exterior *expressado*, talvez, por um dentro ou interior. E, claro, nem nada a ver com criação divina. Não. O quê e como, então? Vejamos.

Só há, só faz-se ou acontece homem quando este é solicitado, tocado, atingido, e então tomado ou agarrado, pela própria vida, pela própria existência, que, assim, lhe *sobrevém*, lhe vem sobre, tomando-o, dele se apoderando e apropriando³. Como? Então, o homem, para ser atingido ou tocado por vida, por existência, para *entrar* na vida ou na existência, é ou há *antes* de ser homem?! Isso é contraditório, ilógico. E, continuando: então o homem é, era, *fora*, *antes* da vida? Aqui, há algo de estranho, de paradoxal. O homem jamais é ou foi *fora* (*antes*) da vida. Ele sempre é e foi *na* vida sob o estranho modo de ser que é ser possibilidade para possibilidade *ou* liberdade - isso é ser “a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade”, na cunhagem de Kierkegaard. Isto é, originariamente, melhor, i-mediatamente - tal como ele jamais é ou há, tal como jamais poderá ser visto, encontrado, constatado e verificado! - o homem não é nada ou *coisa* nenhuma estabelecida, algo nenhum de fato existente ou ocorrente (p.ex., alma, espírito, *ou* corpo, matéria, feixe nervoso, córtex cerebral), mas só e tão só a possibilidade de ser tocado e tomado por possibilidade, ou seja, ser *aberto*, *livre para poder ser*. A possibilidade ou o poder ser que lhe sobrevém, o acossa, o acomete e, assim, o toma, dele se apodera. Dele apodera-se, apropria-se, isto é, *impõe-lhe* o próprio de vida, de existência na forma que lhe sobreveio. A esta irrupção súbita, a este *salto* se chama o dar-se ou o acontecer de *transcendência*. Sim, transcendência, pois é *algo*, isto é, o irromper de um modo de ser, que ultrapassa o homem, está para fora ou para além (ou aquém!) da deliberação ou da vontade do homem, *algo* sobre o qual ele não tem nenhum poder de decisão, de escolha. E ele não é causa, não é sujeito deste acontecimento, mas, sim, o seu *depositário* e *destinatário*. Transcendência - pois transbordamento, ultra-passamento, super-abundância, supérfluo, sobra. Irrupção súbita (pleonasma), salto, desde nada, por nada, para nada. Gratuidade pura, *absoluta*. O homem é só, tão só o *tomável*, o *apropriável*, o *afetável*, enfim, o aberto, o apto, o livre *para...* ser tocado, tomado, apoderado por liberdade, i.é, por um sentido (*lógos*), que em si e por si é alteração, diferenciação, transformação, *enquanto poder ou possibilidade para*. O homem, assim, acorda, é *despertado* para sua humanidade, para sua liberdade - para, *desde transcendência*, fazer vir a ser o que é, enquanto e como ação, liberdade e história (tempo). O que *pode* vir a ser virá a ser se se fizer - *fazer é preciso, viver não é preciso*.

Este *tempo*, esta *hora* do aparecer e fazer-se do homem é igualmente a *hora* do aparecer e fazer-se de linguagem, pois ser no sentido e na determinação de aparecer, de mostrar-se ou de fazer-se visível *como tal*, isto é, enquanto e como aparecer e ser - isso é igualmente ser no sentido e na determinação de linguagem. Dar-se conta sendo sob a forma de ser no sentido de ser é ser na linguagem, desde linguagem, como linguagem. *Desde, a partir* de transcendência e *só* desde ou a partir de transcendência o homem *tem*, é linguagem. Pois então e *só* então homem é, faz-se ou torna-se homem. E ser homem é ser na linguagem, quer dizer, ser no sentido (na orientação, na destinação, na gênese, então, na essência) do aparecer e mostrar-se de vida e de real *como tais*.

A partir do abrir-se ou do mostrar-se deste acontecimento, deste modo inalienável de ser *como tal*, o homem *precisa* ser o guardador, o *curador* de sua essência - de seu modo próprio de ser, de sua gênese. É assim que ele se faz, *precisa* se fazer o guardador de sua própria humanidade. Mas como? Fazendo-a concretizar-se, realizar-se. A cada passo, a cada ato do viver, do existir. Mas, de novo, *como fazer isso bem, essencialmente*, quer dizer, indo ao encontro de sua própria essência e, então, de

sua própria humanidade, melhor, de sua própria *humanização*, na *pro-moção* de sua *hominidade*?

Para tanto, o homem precisa ser à escuta, na escuta; à espera, na espera do insistente acontecer e reacontecer de origem se reoriginando, isto é, de *transcendência se refazendo, se repetindo ou reacontecendo*. É preciso *ouvir* isso, este modo de ser arcaico-fundador, para ser e insistir na conquista e na reconquista do homem, da sua humanidade ou *hominidade*, em vivendo, em existindo. E esta escuta é escuta de, ao silêncio, pois transcendência, a essência do homem, é irrupção de nada e desde nada - *por causa de nada ou graças a nada*. Tal irromper é a luminosidade da sombra, o brilho do escuro, a cintilância da noite, a eloquência de, do silêncio. Assim é, pois, na irrupção, enquanto e como salto, faz-se como pura doação. Uma doação que é dar, dar-se. *Transcendência é o que se dá para dar-se em permanente sobre, superabundância*. Sim, desde e como transcendência, vida é doação. Melhor, é dar-se à doação; é a doadora plácida. Superabundância, transbordamento.

Para falar de silêncio é preciso já ser um homem de silêncio. E que homem é este? Não é um homem enrustido, sorumbático, macambúzio. Não. Homem de silêncio é todo aquele que *tem*, que *é* um destino, quer dizer, um fazer, um afazer necessário - uma tarefa própria, que *cresce*, isto é, se faz, sempre desde escuta, ausculta à transcendência, que é o envio. Ele, o homem de silêncio, é todo aberto e entregue ao *seu* destino, à *sua* necessidade, à *sua* tarefa, que é sempre o impor-se de um modo possível de vida, de existência - enfim, de transcendência. Seu silêncio é sua entrega a este *verbo*, ao *seu* verbo. Aí ele é todo escuta - de, ao silêncio. Um destino mesmo *pequeno*, sóbrio, o mais simples e o mais sóbrio, mas que seja destino, isto é, um fazer ou afazer necessário - *livre*. Sim, livre e necessário. Portanto, que libera uma identidade, que liberta um próprio. Trata-se aqui da liberdade que nasce da necessidade - *o livre para*. Isso quer ainda dizer: uma ação, uma atividade inteira e absolutamente inútil. Inútil e necessária, tal como vida, tal como existência - o acontecer, o irromper de transcendência. Acontecimento de solidão, cuja realização é cumprimento de solidão perfeita. Nenhum intimismo, nenhuma interiorização, mas entrega à tarefa de autorrealização e autoconquista, isto é, entrega à transcendência.

3. Silêncio, claro, não é uma *coisa* encontrável, verificável, por aí. Nenhum algo ou estado de fato, a ser pego, pesado, medido, empacotado, talvez *à vácuo*, e *disponibilizado* na gôndola ou no *freezer* de um supermercado. Nem com a lanterna de Diógenes se encontra o silêncio, por aí. Não. Antes, cabe ver no silêncio uma dimensão, um modo de ser de vida, de existência. Uma espécie de disposição, de pré-disposição vital. Uma *gradação*, uma intensidade, um tempero da e na vida, melhor, uma *têmpera* muito própria à vida. Talvez se possa ainda dizer: uma *tensão*, um *tônus*, que se mostra como abertura, disposição ou pré-disposição para a escuta do/ao sentido, à *força*, que irrompe, que salta desde e como transcendência e que abre, inaugura a vida, o homem, o humano viver. Só há, só se faz silêncio, onde há, faz-se escuta. Sem escuta, isto é, sem silêncio. Silêncio, para ser realmente silêncio, *precisa* ser ouvido - escutado. De novo: o que se ouve em se ouvindo o silêncio? Aliás, não há *o* silêncio, mas silêncios. Cada qual precisa ouvir o *seu* - pois isso, sobretudo isso, é coisa de solidão. O *seu*, isto é, o *meu* silêncio é o meu destino - envio. A *sua* linguagem, a *sua* transcendência. *Cada* silêncio, *cada* próprio, é acontecimento, doação de transcendência - transbordamento, superabundância de vida nos seus *verbos*. E *sua*,

pronome possessivo, paradoxalmente, não é de posse, sobretudo não de autoria, mas o *seu* (destino, envio, transcendência) como o que lhe sobreveio e assim se apossa, se apodera e este que é assim apossado e apoderado precisa se fazer seu guardador, seu cuidador. Como?

Nossa questão, porém, é esclarecer como escuta, silêncio e linguagem se articulam, se compõem num único e mesmo fenômeno, num único e mesmo acontecimento ou ato.

III

1. Dissemos que a *hora* do homem, o ser tocado e tomado por transcendência, é igualmente a *hora* da linguagem. Ser homem é ser na linguagem. E isso porque ser na linguagem é ser no sentido, na determinação do aparecer. Do aparecer, isto é, *do mostrar-se como tal*, isto é, enquanto e como aparecer ou mostrar-se. Todo e qualquer aparecer, isto é, todo e qualquer modo possível de ser de vida, de existência, qualquer *verbo* no/do viver ou existir - enfim, todo e qualquer aparecer como tal é linguagem. Isso parece uma banalidade, uma trivialidade, mas isso e só isso é o próprio, o *ipssíssimo* homem. O homem partilha este, participa deste acontecimento, a saber, o aparecer, o mostrar-se - *enquanto* ou *como tal*. E isso é linguagem, ser (viver, existir) na e como linguagem.

Cachorro, baleia, abelha, pinguim, samambaia *são ou têm* linguagem? Responder a sinais, a estímulos, marcados pelo cristalizado, pelo estereótipo, não é ser na linguagem, participar de uma língua. É tão só responder à mecânica estímulo-resposta - um esquema inteiramente behaviorista. Puro e simples mimetismo. Por isso não se vê um cachorro (exímio escutador!?) executando, interpretando ou compondo uma fuga, uma sinfonia ou mesmo uma modesta e buliçosa polca, ao estilo do Pestana⁴. Pois o cachorro só é e só vive no estereótipo, no mecânico e no mecanizado. Fuga, tal como qualquer criação, é repetição, isto é, retomada do mesmo no outro e como outro, ou seja, o mesmo se alterando, se transformando. Este *mesmo* é *coisa* nenhuma (nenhum estereótipo, nenhum sinal a ser indefinidamente mimetizado, nenhuma substância), mas só *modo de ser*, que é em si mesmo transformação, *alteração*, isto é, dinâmica de insistente vir a ser outro (“alter”). Enfim, *gênese*. Criação. *Um modo de ser que é livre ou aberto (disposto, predisposto, apto, propenso) para*. Só o homem é liberdade e só enquanto e como *livre para* dá-se, acontece, faz-se linguagem.

Esclareçamos isso melhor. De modo geral, dissemos, linguagem é modo de ser no aparecer e como aparecer. Aparecer, que é mostrar-se, diz também um tornar-se ou fazer-se visível. Por exemplo, João Cabral de Melo Neto escreve. Sua escrita, sua fala, é linguagem. E o que acontece, o que se dá no seu escrever, na sua fala? Sua escrita, sua fala pro-move, e assim comemora o insistente movimento de aparição, celebra o insistente fazer-se visível, *desde e como linguagem, desde e como dizer, que se faz mostrar, isto é, tornar visível*. Aqui, com Cabral, a poética, isto é, a geração ou gênese, é a palavra - o dizer, o nomear. O mesmo, porém, acontece quando a linguagem é a pintura, ou a música, ou a ciência, ou o jogo - qualquer. Ouvir é tomar parte e assim *sintonizar-se, sincronizar-se* (pôr-se no mesmo tônus, no mesmo *tempo* ou *andamento*)

com o movimento-vida (geração, gênese) e, por isso, *graças a isso, promove, procria* - para um mortal, uma espécie de imortalidade e de eternidade, proclama Platão, no *Banquete*. Viver, existir, *ser na e como linguagem*, é ser partícipe, co-partícipe nesta/desta irrupção, neste/deste acontecimento epifânico. Algo divino, *pois transcendente*. Uma *hierophania*.

2. Linguagem, a *boa* linguagem, isto é, a que mostra, a que revela e não a que é macaquice e papagueação, tagarelice - boa linguagem, enfim, só se faz, só *pode* se fazer desde e como escuta. Ela *precisa*, pois, ser escuta. Escuta e espera. Como? De quê ou a quê?

Para *crescer* (intensificar-se, agravar-se) e *fazer-se* (expor-se, aparecer e, assim, mostrar, *ir mostrando*, que é o seu *dizer*), linguagem precisa ser, a cada passo, um pôr-se à escuta (sintonia, sincronia, *participação*) de seu próprio *lógos*, de seu próprio *sentido*, de sua própria força ou gênese (essência). É preciso dizer com Heidegger: a linguagem escuta a própria linguagem. Mais: para autenticamente falar, dizer, isto é, *mostrar*, a linguagem *precisa* ouvir a linguagem. E, continuando com Heidegger, “ela (a linguagem) ouve (“hört”) porque ela *pertence* (“gehört”) à linguagem”. Já vimos como é este pertencer, isto é, participar, *fazer corpo* com a linguagem, *ser corpo*. O que não se disse é a ênfase que dá Heidegger à consanguinidade ou a co-originariedade dos fenômenos “ouvir” e “pertencer” dito em alemão em “hören” (ouvir) e “gehören” (pertencer) - na verdade, o pertencer é a junção, a conjunção e a conjugação, o *todoconcentrado* (“ge-hören”) do próprio ouvir (“hören”). Um funda o outro e o outro funda o um - um *crece* do outro e o outro do um. *Um mesmo ato ou acontecimento*.

A linguagem (*lógos*), em ouvindo o seu próprio *lógos* (sentido, força, gênese, essência), ouve ao que irrompeu, ao que se deu em *salto*, como *transcendência*. Neste sentido, toda linguagem precisa crescer e se fazer desde e como escuta *de, a transcendência*. Ouvir a linguagem, a linguagem ouvindo a própria linguagem, portanto, não é interiorização, intimismo, narcisismo, mas disposição e entrega à transcendência. Escuta que, assim, é igualmente *espera*. Só assim a linguagem pode/deve crescer *forte*, quer dizer, re-tomando-se sempre *in statunascendi*. Assim, desse modo, em toda e cada linguagem faz-se o movimento de diferenciação do um ou “o um que se diferencia em si mesmo, desde si mesmo”, sempre no dizer de Heráclito. É uma fala responsável - e não tagarelice, falatório. Uma fala atenciosa. Uma fala que se faz com e desde atenção. Ao alertar-se, por exemplo, a alguém que fala tresloucadamente, em lhe dizendo: “preste atenção!”, na verdade, está-se dizendo: “Escuta! Ponha-se à escuta!”

E isso quer realmente dizer: volte-se, retome o recolhido, o retraído, pois transcendência (o sentido que se abriu e que guia, pontua, orienta) sempre já se retraiu, sempre já se dissimulou no dito, no anunciado, no mostrado ou falado. Assim, para falar e, em falando, realmente dizer, isto é, mostrar, ouve-se, *precisa-se ouvir o silêncio dalinguagem*. Toda linguagem é toda halo, toda aura de silêncio, que é constitutivo, cooriginário com linguagem. Mas como é realmente este ouvir, este ouvir ao silêncio?

3. Aqui, ao falar-se de silêncio, de ouvir ao silêncio, não se pode cair em misticismo. O santo e o místico costumam escamotear cobiça, lascívia. Santo e místico costumam ser lúbricos - disfarçados, dissimulados. Afinal, eles têm vergonha disso.

Há um silenciador, um calar, em favor de um presumido inefável - remoto, recôndito. Melhor, um silenciador, um calar, que é veto, proibição deste inefável. Tal

silêncio, que é só calar, aparece como a recusa ou a autoimposição do veto a falar justo desde a insinuação deste suposto indizível, inefável. Mas é justamente aí que se ouve o eco, a ressonância de cobiça, de volúpia - a lascívia, a lubricidade - por querer ou precisar dizer tudo, falar tudo, pois este indizível e inefável se mostra como um distante, remoto, originaríssimo pleno, total, absoluto, que *devia*, que *precisava* poder ser dito, falado, até com o espírito de *colocar tudo às claras, em pratos limpos*. Velado está um querer tudo, um tudo poder. Porém, para escamotear, para dissimular a impotência é reivindicado um calar, um silenciar enlevado e intimista, com laivos, arroubos místicos, mas, como já dito, pura dissimulação de cobiça, de lascívia.

Nesta mesma direção, pode haver um calar, um silenciar que, em dizendo o que diz ou mesmo renunciando dizer o que *poderia* ser dito, sempre estará acusando a linguagem de insuficiente, sempre lamentando que, apesar de dizer e falar, a linguagem está sempre *aquém* do que *devia*, do que *precisava* falar, dizer. Sempre diz *pouco e menos*. Também aqui há o lamento do chorão e do impotente - do ingrato. Eunuco. É mais ou menos isso que Cabral de Melo Neto, com ou sem razão, entrelê e entreouve na poesia de René Char e que o levou a escrever seu incisivo, seu contundente “Anti-Char”.

Anti-Char

*Poesia intransitiva
sem mira nem pontaria:
sua luta com a língua acaba
dizendo que a língua diz nada.*

*É uma luta fantasma,
vazia, contra nada;
não diz a coisa, diz vazio;
nem diz coisas, é balbucio.⁵*

Linguagem intransitiva - não leva a nada. Não é dizer, não é mostrar - é só balbucio. Mostra nada. Não é linguagem, *boa* linguagem. A *boa* linguagem *mostra tudo no pouco e como o pouco que diz (mostra) aqui e agora, hic et nunc*. Ela, assim, se faz alegre e satisfeita, feliz e plena - no pouco, como pouco, que é sempre *todo o possível*. E a *boa* linguagem quer, *precisa querer* sempre só o possível, pois só isso ela realmente pode e ela, por ser *boa*, quer o possível, *só* o possível, que é o que é possível, o *só* possível querer... Mais seria arrogância, presunção, inveja, ingratidão...

Silenciar, enquanto calar, também não deve ser, como insinua Hegel em algum lugar, para dizer *o ser, o puro ser* - seria a pura linguagem - , alguém comporta-se como o hindu, que, sempre olhando para a ponta do próprio nariz, fica a vida toda mastigando um *om, om, om*.⁶

Não. Linguagem é dizer. E dizer é preciso. Ou seja, não pode não ser, pois o

homem é na determinação, no sentido do aparecer. Assim o homem é testemunha, *mártir* da linguagem, do dizer - do aparecer. A linguagem não é deficiente, carente, insuficiente. *Se escuta, quando escuta, a linguagem é sempre rica, plena, completa.* Evidentemente, completa, plena, rica *no que pode e como pode.* No seu tempo, na sua hora - o tempo e a hora de sua escuta, de sua *experiência* da linguagem, que é o único lugar possível da linguagem, de sua fala, de seu dizer. Isso é, sim, plenitude, fartura, superabundância. Mais, isto é, querer, desejar ou aspirar mais, como no caso do *místico*, do presunçoso e do *insatisfeito* ou *infeliz*, é arrogância, presunção. Ou lamúria, lamentação, choradeira. Sim, coisa de invejoso, revoltado, ingrato, quando não de capado, de eunuco.

4. “Ouvimos a linguagem tão só porque pertencemos a ela”, diz Heidegger. Vimos o que quer dizer este *pertencer*, melhor, este *já*, este *sempre já* pertencer à linguagem - ao *lógos* ou ao *sentido*, que é a vida, a existência. É ser ou estar sempre já tocado, tomado pelo *sentido*(lógos) - o dar-se ou acontecer de sentido como o dar-se ou acontecer de *transcendência*. E tal modo de ser é imposição de salto, isto é, do súbito, do abrupto ou i-mediato, que marca o irromper de vida, de existência - mais uma vez: o acontecer de transcendência. Vimos, ainda, esta situação define, ao mesmo tempo, círculo (inserção) e afeto (*páthos*), como dimensões constitutivas ou originárias, co-originárias de vida, de existência. O homem, necessariamente, já é sempre isso e assim. Mas ele pode, ele *precisa*, assumir este modo de ser, que é o seu e só o seu. Ele, vimos, pode e, então, *precisa* saltar para dentro da vida, da existência. A isso, a este salto para dentro da vida, chamamos o propriamente *participar* - a *participação vital*. Assim, desde tal participação, abre-se a *viagem* de, para *afundar*, o ir fundo ao fundo sem fundo, *a-byssal*, do sentido (lógos, linguagem). E tal viagem é *meditação*, “Besinnung”, “besinnen”. Este *meditar* caracteriza *pensar* - o pensamento que é, por um lado, *recordação*. Recordar origem enquanto e como o irromper insistente do fundo sem fundo, do abissal - doação. Pensar que, assim, por outro lado, é *agradecer*, é *gratidão*, uma vez que aquiescer ao dom, à dádiva. Assim, desde uma tal participação, desde uma tal *meditação*, faz-se, acontece realmente *escuta*. Escuta, em sendo participação-meditação, é centrar-se, concentrar-se, enquanto e como *corpo* (e não como exercício de consciência ou de representação clara e distinta), neste modo de ser - a própria vida, a própria existência. E assim é, assim se faz a escuta *da* e *à* linguagem ou a escuta *do* e *ao* jogo do acontecimento, no qual é o homem, a saber, ser no e como aparecer, o aparecer *enquanto ou como tal*. Cabe promover isso, como a promoção, a procriação de vida, de existência. Todo este *quadro*, todo este *enquadramento* ou *estrutura* - enfim, toda esta *viagem* define a *experiência da linguagem*. É desde e como experiência da linguagem que se evidencia (pois experiência é evidência, uma vez que ela e só ela mostra, ilumina, torna visível) que a linguagem fala, ou seja, o real, todo real possível é o movimento do fazer-se de sentido, de *lógos*, em insistente revitalização, revigoramento - isto enquanto e como alteração, diferenciação. Liberdade. Sim, fala-se sempre já desde ou a partir da linguagem. E, principalmente, falar da linguagem enquanto linguagem precisa ser falar a partir da experiência da linguagem. É esta e só esta a fala que tem, que é, ou seja, que dá direito, *autoridade* à fala, ao discurso. E, sim, em tal fala há, *precisa* haver muita escuta. Escuta de, do, ao silêncio.

Escuta de, do, ao silêncio, pois a linguagem, o sentido, no que fala e porque fala, já recuou, já se retraiu ou se velou, uma vez que se singularizou, se concretizou e,

então, paradoxalmente, ela se dá e se retrai no falado, no singularizado ou concretizado. Mas - e isso é decisivo - só se vê o que se tem imediatamente diante dos olhos, quer dizer, o singular, o concreto, isto é, o realizado e dado na e como realização da linguagem na e como ou enquanto fala. Fala que, desde e como experiência, se faz dizer, isto é, *mostrar*. Mas a linguagem sempre *pode* mais, *muito* mais do que o singularizado, o concretizado - isto é, do que o falado e dito. Para realizar, melhor, para possibilitar mais esta possibilidade e assim promover a linguagem é preciso ser, estar à escuta (e assim e então à espera!) deste retraído, deste velado e, deste modo, possibilitar ou promover a fala, mais, o dizer ou mostrar da linguagem na sua fala e como fala. Assim, põe-se à escuta do *por dizer*, do *a dizer*, pois no retraído, no recolhido, está toda a força, toda a possível gênese do sentido (*lógos*), da linguagem. Neste retraído, neste recolhido, resguarda-se toda a riqueza, toda a fartura da linguagem - todo seu *a dizer*, *por dizer*, isto é, a mostrar, a fazer ou tornar visível. Não, não pode haver genuíno dizer, ou seja, real mostrar, sem esta escuta, sem esta ausculta deste retraído, deste recolhido e resguardado - a aura, o halo, que sempre perfaz a ambiência, o *elemento silêncio*. A escuta, que é um concentrar-se e intensificar-se ou agravar-se no sentido (= *meditar*, *entrar-afundar* no sentido, i.é, o fazer-se de *corpo*) é, assim, um recolher-se no recolhido (retraído, *silenciado*) da linguagem. Sim, escuta e espera - de, do, ao silêncio da linguagem, *isto é*, do sentido, do *lógos*. *Isso é preciso*.

NOTAS

- 1 Cf. Heidegger, M., *Der Weg zur Sprache*, em *Unterwegs zur Sprache*, Neske, Tübingen, 1979, S. 254. Cf. Heidegger, M., *O Caminho para a linguagem*, em *A caminho da linguagem*, Vozes, Petrópolis, 2003, p. 203, trad. Márcia C. Schuback.
- 2 Cf. *Gênesis*, 51, 1? Ou seria Heráclito, Diels, -1? ...
- 3 Em questão, aqui, não está *aorigem* do homem no sentido evolutivo-historiográfico, isto é, com o propósito de fixar uma data e um lugar de surgimento da *espécie homem* - o *pithecanthropuserectus*, o *neandertal*, o *homo sapiens*. O problema, aqui, é da ordem do ontológico, do vital-existencial, do *realmente* histórico (!), quer dizer, em questão está o homem que *acorda*, que *desperta para o homem*. É o *homem acordando ou despertando do homem para o homem* - o *irromper de liberdade*. Isso é um insólito acontecimento europeu, ocidental - *grego*. É esta a certidão de nascimento da filosofia. Há controvérsias e ranger de dentes, mas...
- 4 Cf. Assis, Machado, *Um homem célebre*, em *Contos*.
- 5 Cf. Neto, J.C.M., *Museu de tudo*, em *Poesia completa e prosa*, Nova Aguilar, Rio, 2008, p. 371.
- 6 Cf. Hegel, G.F., *Wissenschaft der Logik, Band I*, Felix MeinerVerlag, Hamburg, 1975, S. 83.